

## **“Uma sala vazia cheia de gente “**

Os museus estão cheios de “coisas” São por vezes “casas” enormes, densas e ruidosas onde não cabem as pessoas.

A sensação de que está tudo feito, tudo dito, tudo arrumado, gera impotência, retira a vontade de contribuir.

A perfeição é fria.

Faltam “salas de estar” nos museus. Salas amplas e seguras que podem ser físicas e/ou virtuais.

O mundo digital, não esgota as possibilidades, mas complementarmente, tem alargado o espaço de encontro, contornado a timidez e trazido novos diálogos.

Presencial e digital, ambos com virtualidades e limitações, são complementares, o importante é a igualdade no acesso.

Ambos proporcionam experiências diferentes, mas um não substitui o outro.

O museu físico, presencial, pode estar “ confinado “ mas não está morto. Está só a aprender uma nova vida.

O que não podemos é querer decalcar, quase de forma aflitiva, no meio digital a experiência presencial.

O meio é a mensagem, afirmava McLuhan. Pode parecer excessivo mas, mais do que nunca, temos evidências desta tese.

Todavia o tempo e o acesso continuam a ser fundamentais para atingir a missão social do museu, hoje e sempre. Independentemente do meio, o conceito é que dita o uso que dele fazemos.

Faltam nos museus espaços de encontro e conversa que simplesmente convidam a estar, fruir e pensar. Esses espaços podem ser recreados em todos os suportes, físicos e/ ou digitais em articulação e complementaridade.

Espaços de liberdade / estratégias que trazem para a roda das conversas o acervo de problemas, expectativas e inquietações. As pessoas e as comunidades co-produtoras efetiva do espaço museológico, dando sentido e consistência ao edifício humano que, essencialmente, deverá ser o museu socialmente atuante e responsável.

Físico ou digital, não importa, desde que suporte e amplie o acesso e proporcione um espaço livre de criação.

A programação dos museus, salvo honrosas exceções, ainda se faz muito de dentro para fora e numa lógica piramidal de produção fragmentada e apressada.

Cumprir programas, cumprir calendários - cadeia frenética de “ fazeres “ que se esgota em si mesma. E este vício não tem a ver com o meio, físico ou digital, resulta do pensamento - porque o museu é pensamento.

Vamos estender, distender ... exercitar a escuta ativa e cerimoniosa de quem se chega a nós ou que nós atraímos. Temos que ter tempo para lhe(s) dar.

Precisamos de museus menos expositivos e mais formativos; mais ativos a convocar o pensamento livre e a agir perante temas e problemas atuais que dizem respeito às pessoas e afetam gravemente as liberdades e os direitos humanos. Os museus não podem ficar indiferentes às urgências que os tempos difíceis impõem. E, mais uma vez, a questão não está no meio embora ele afete a mensagem, a questão de fundo está no conceito e na avaliação do impacto social dos museus.

Tempo - Participação - Confiança - os alicerces do edifício humano que deverá ser o museu em qualquer registo e/ ou meio. Estes alicerces suportam qualquer museu, enfrentam qualquer tempestade.

Falta esse tempo longo e a sensação de bem-estar que gera confiança e vontade de ficar - criar - refletir. O tempo é o luxo do nosso tempo. O tempo que lhe dedicamos diz muito do museu que somos, ou que almejamos ser.

Os silêncios também são música. O espaço livre, fértil e seguro, que convida a “estar“, também é museu.

Uma sala vazia cheia de gente, a sua reserva fundamental.

Isabel Victor  
Museóloga

Museu Sporting CP